

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA IDENTIDADE EM QUESTÃO

Stefani Silva¹

RESUMO

Tendo em vista as novas tendências poéticas que contradizem os discursos da homogeneidade literária, homogeneidade esta traduzida em tudo que se refere ao universo masculino, branco e ocidental, o presente trabalho demonstra que num processo de construção e reconstrução, a literatura afro-brasileira revela nova identidade literária de modo que o negro saindo da condição de semovente, escravo, alienado passa a ser sujeito de sua própria escritura.

Palavras-chave: Literatura; Identidade; Literatura afro-brasileira.

ABSTRACT

In view of the trends that contradict the poetic discourse of literary homogeneity, uniformity is translated into everything about the male universe, white and Western, this work demonstrates that a process of construction and reconstruction, african-Brazilian literature reveals new literary identity so that the black out of the condition of livestock, slave, becomes alienated subject of his own writing.

Keywords: Literature, Identity, African-brazilian literature.

A literatura é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, tema, invenções literárias. É um imaginário que se articula

aqui e ali, conforme diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e se transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (Octavio Ianni)

A paisagem social de nossa contemporaneidade tem apontado constantes mudanças de posicionamentos relacionados às discussões sobre nacionalidade, raça, gênero entre outros aspectos os quais colaboram para a construção de discursos que abrangem não somente a até então hegemonia masculina, branca e ocidental, mas também a perspectiva daqueles que sempre estiveram à margem das visões da cultura dominante.

Sendo a literatura a representação das ações e transformações humanas, a quebra das idéias tradicionalistas influenciou diretamente as composições poéticas que acompanharam e ainda acompanham as mudanças que a sociedade tem sofrido. A afirmação dos movimentos de minorias, entre os quais estão os feministas, negros e homossexuais, por exemplo, são sempre constantes nesta literatura definida como pós-moderna, a qual sempre costuma ser acompanhada, como afirma Linda Hutcheon por um cortejo de retórica negativizada, fundamentalmente contraditória, deliberadamente histórica e inevitavelmente política (HUTCHEON, 1991, p. 19), pois vai além do moderno, construindo e

¹ Stefani Edvirgem da Silva - Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina – Londrina – Paraná.

desconstruindo imagens e discursos tão enraizados entre nós e, tal como afirma Silviano Santiago em *O entre-lugar do discurso latino-americano*, falar, escrever, significa hoje: falar contra, escrever contra. (SANTIAGO, 1978, p. 19).

Grandes cânones de nossa literatura que foram custosamente legitimados como negros, hoje são recolocados literariamente como percussores da construção da identidade negra em nosso país. Apesar de seguirem o padrão homogêneo exigido em suas épocas em busca de uma aceitação que todos eram obrigados a passar, fossem eles brancos ou não, de forma elíptica, porém exemplar, pode-se validar a colaboração destes escritores para as novas tendências poéticas, especialmente para a afro-brasileira. No poema “Caveira” de Cruz e Souza em contraponto aos dizeres de Bernardo de Guimarães em *Escrava Isaura* de que “pele branca implicava também em ter uma alma branca/pura” descreve que nosso fenótipo e os estereótipos que a ele são conferidos nada valem, pois ao final o poeta enfatiza que somos todos “caveiras, caveiras, caveiras...”, ou nas denúncias da discriminação social que rodeava Lima Barreto (escritor que ficara esquecido por décadas), que de forma exemplar escreve o *Romance Clara dos Anjos*; ou ainda as críticas nas crônicas de Machado de Assis, na obra “Bons Dias” e “Boas Noites” à abolição absurda sugerida aos negros da época e nos contos como em “O caso da vara” e “Pai contra mãe” no quais relata o descaso em relação aos escravos.

Todo o olhar crítico dado a estas obras e de tantas outras que traziam a discussão do negro não mais como objeto, mas como sujeito de suas ações, contribuiu para que no final do século passado a literatura afro-brasileira se destacasse em meio à literatura brasileira, trabalhando no sentido de suprir o que faltava ser representado de fato. Neste sentido, esta nova poética está dentro, uma vez que faz parte do Brasil e, ao mesmo tempo fora, ao reescrever a imagem do negro mantida nas entrelinhas literárias.

Tem-se então a pergunta: Por que diferenciar ambas as literaturas se podemos verificar brilhantemente a figura do negro na obra “Os Escravos” de Castro Alves ou nos romances de Jorge Amado, observar a beleza da miscigenação e sincretismo das culturas, principalmente a do negro? A resposta esta ligada à materialidade desta construção literária (no que diz respeito à autoria) e a necessidade de criar-se uma identidade que até então fora deturpada por quase todos que se utilizaram da temática do negro. Nossa sociedade que se pautava no tradicionalismo e nas simbologias que com ele nasciam, ainda atribuíam ao negro o legado da descendência de Cam² fazendo

² Os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé; Cam é o pai de Canaã. Esses três foram os filhos de Noé e a partir deles se fez o povoamento de toda a terra. Noé, o cultivador, começou a plantar a vinha. Bebendo vinho, embriagou-se e ficou nu, dentro da sua tenda. Cam, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e advertiu, fora, a seus dois irmãos. Mas Sem e Jafé tomaram o manto, puseram-no sobre os seus próprios ombros e andando de costado, cobriram a nudez de seu pai; seus rostos estavam voltados para trás e eles não viram a nudez de seu pai. Quando Noé acordou de sua embriaguez, soube o que lhe fizera seu filho mais

com que na literatura prevalecesse posicionamentos e explicações tão retrógrados relacionados ao negro. A figura do negro entre os cânones da literatura brasileira aparece estereotipada em indivíduos alienados ou serviçais, estando arraigado sempre o legado da escravidão. Quem não se lembra dos versos de Manuel Bandeira (1990) “Irene preta, Irene boa, Irene sempre de bom humor”? Ou da mulata assanhada, que nunca é mulher diurna só noturna; nunca é espírito só carne; nunca é família ou trabalho, só prazer?(ALVES, 1956) e, por fim, nesta gama de preconceitos contra o negro, a religiosidade, marca da herança africana que tanto ajudou na construção da cultura brasileira, é enraizada entre nós unicamente como inaceitáveis rituais demoníacos. Tais visões que colaboram até hoje para a formação da mentalidade brasileira fazem com que esta nova poética ganhe forças no sentido de desconstruir imagens tão errôneas do negro tornado-se uma nova face da literatura no Brasil.

O filósofo conservador Roger Scruton diz que o homem deve identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao que ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (Scruton, 1986,

jovem. E disse:- Maldita seja Canaã!Que ela seja, para seus irmãos, o último dos escravos. E disse também: - Bendito seja Iahweh, o Deus de Sem, e que Canaã seja seu escravo! Que Deus dilate a Jafé, que ele habite nas tendas de Sem, e que Canaã seja teu escravo! (Gênesis. 9,18-27)

p. 156) E qual o lugar do negro e de tantas classes marginalizadas que não se vêem representadas em esferas sociais como na política, na mídia ou na literatura? As diferenças sociais, regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas de forma subordinada a cultura dominante dificultando o encontro da identidade deste homem em seu próprio meio. As literaturas pós-modernas, assim como a literatura afro-brasileira, em contrapartida, enfatizam a valorização de tudo que se considerava marginal e, num trabalho de reelaboração literária, dão voz e vez a sujeitos e ambientes nunca antes representados de fato.

A partir do ano de 1978, alguns escritores com intuito de trabalhar com a figura do negro no Brasil, assim como materializar-se por serem eles próprios vítimas das estereotípias impostas dentro do círculo literário e intelectual, surge o primeiro exemplar dos Cadernos Negros, livro que reunia, e ainda reúne, contos e poemas que tinham como princípio a valorização da imagem do negro em uma literatura elaborada por eles próprios, já refletindo o desmembramento, a descontinuidade e a descentralização proposta pelas literaturas pós-modernas, pois não se trata mais do negro escravo, alienado ou objeto do senhor como se observava até então, mas sim como um participante da sociedade com sentimentos, prazeres e sensações. A apresentação do número 1, por exemplo, soa como manifesto e ilustra bem a proposta destes escritores:

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das idéias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar. (CN 1, 1978)

A temática é um dos principais fatores que diferenciam a literatura afro-brasileira das demais, pois em diálogo como os dizeres inscritos no primeiro exemplar dos Cadernos Negros, livres de qualquer domínio, esta literatura preocupa-se em resgatar a história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas conseqüências, indo até a glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba. Escritores de nossa contemporaneidade vão além no que diz respeito aos seus objetos literários, pois relatam os dramas vividos pelos afro-descendentes de nosso país, a exclusão e a miséria que acabam por ser resquícios de uma falsa abolição, assim como a exaltação da cultura negra, sobretudo a religião, muitas vezes caricaturada como demoníaca ou perdida através do sincretismo que tentou e ainda tenta cristianizá-la.

POESIA AFRO-BRASILEIRA

*Fiz-me poeta
por exigência da vida, das emoções,
dos ideais, da raça.*

*Fiz-me poeta
sabendo que nem só 'se finge a dor
que deveras sente'
e crendo que através da poesia posso
expressar
a arte do cotidiano, vivida em cada
poema marginal.
(Lia Vieira)*

Entre os gêneros utilizados pela literatura afro-brasileira como instrumento de uma escrita transgressora está a poesia. Entendamos primeiramente o que vem a ser esta manifestação artística. Definida como uma das artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos para expressar emoções através da palavra ritmada, percebe-se que a cada período histórico e, por conseguinte literário, acaba ganhando aspectos diferenciados. Enquanto sua forma épica cantava os feitos heróicos de um dado povo ou de determinados momentos, a lírica preocupava-se com a questão sentimental ou simplesmente em retratar momentos dignos de concretização artística. O poeta, lapidador das palavras, aparece como aquele que é capaz de observar e transcrever o mundo, com criatividade, estilo e o que é mais importante, estética.

As modalidades poéticas seguiram sempre uma ditadura de um estilo ou de uma estética determinados. O poeta, só o era, se fizesse parte de um padrão literário estabelecido por sua época e se pertencesse a um universo exclusivo dos mesmos no qual a hegemonia vigente apoiava-se nos padrões masculino, branco e ocidental.

Em uma análise da historiografia literária percebe-se em inúmeros momentos a prevalência desta tríplice supremacia. Tratando-se de Brasil, desde o período Quinhentista até o Romantismo a presença da mulher e do negro se faz presente apenas como objetos de uma escritura que ora os contemplava sem dar-lhes a voz e ora, principalmente em relação aos negros, os rebaixava com estereótipos e características pejorativas. Comprova-se, portanto, a proposta da literatura afro-brasileira em reescrever a literatura brasileira canônica de forma a suplementá-la, uma vez que todos os momentos em que se tem a presença dos afro-brasileiros nas obras literárias são carregados de preconceitos vários. Vejamos o poema do consagrado poeta barroco Gregório de Matos no qual denota a sua insatisfação em conviver com outras raças e em vê-las misturadas:

Que falta nesta cidade?
Verdade
Que mais por sua desonra?
Honra
Falta mais que se lhe ponha?
Vergonha.

O demo a viver se
exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade, onde falta
Verdade, Honra, Vergonha.
[...]

Quais são os seus doces
objetos? Pretos
Tem outros bens mais maciços?
Mestiços
Quais destes lhe são mais
gratos? Mulatos.

Dou ao demo os
insensatos,

Dou ao demo a gente asnal,
Que estima por cabedal
Pretos, Mestiços, Mulatos.

[...]

As alegorias que representam os negros nos versos do Boca do inferno demonstram a condição dos escravos e de seus descendentes na sociedade brasileira do século XVII, gerando resquícios que se estendem até os dias atuais. Tais características perpassam todo o século XVIII e XIX reforçados por discursos religiosos e científicos. Cruz e Souza, contrariando os demais poetas de seu tempo, no poema Emparedado, o eu-poético em um momento de desabafo coloca ao leitor as condições de um poeta negro cercado de uma estética que o obrigava a mascarar sua condição de afro-descendente:

— "Tu és dos de Cam,
maldito, réprobo, anatematizado!
Falas em abstrações, em
Formas, em Espiritualidades, em
Requintes, em Sonhos! Como se
tu fosses das raças de ouro e da
aurora, se viesses dos arianos,
depurado por todas as
civilizações, célula por célula,
tecido por tecido, cristalizado o
teu ser num verdadeiro cadinho
de idéias, de sentimentos —
direito, perfeito, das perfeições
oficiais dos meios
convencionalmente ilustres! (...)
Artista! Pode lá isso ser se
tu és d'África (...)

No século XX, o movimento Modernista abriu caminhos para uma nova ordem literária contestando tudo que fora

imposto anteriormente, porém, os poemas que faziam referência ao negro continuaram acoplando ao mesmo a eterna condição de escravo, submisso e objeto de um senhor civilizado e dominador. Vejamos o poema Irene no céu de Manuel Bandeira:

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

O modernista pernambucano, além de eternizar os poetas dos períodos literários anteriores, acaba também arraigando a antiga condição de semovente do negro de forma a manter todos os significados embutidos neste rótulo no período escravocrata. Irene não demonstra autonomia alguma, e isso podemos observar claramente no verso “— Licença, meu branco!”, onde fica clara a noção de pertencimento e subordinação assim como, por ela ser boa e estar sempre de bom humor, características almejadas pelos senhores de escravos.

Com o intuito de alterar todo um discurso pré-existente sobre o negro, os responsáveis pela poética afro-brasileira partem da própria literatura canônica para assim fazer toda uma reconstrução de imagens e sentidos relacionados aos afro-descendentes. A temática torna-se o ponto de partida para entendermos a proposta destes escritores, pois sendo composta a

partir da memória cultural e das condições sociais as quais esta parcela da população vivencia é possível criar-se estratégias de sobrevivência da cultura africana que tentaram insistentemente apagar, bem como a criação de uma identidade. Vejamos o prefácio de um dos Cadernos Negros assinado coletivamente:

Cadernos Negros marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as idéias que nos confundem, nos enfraquecem e nos sufocam. As diferenças de estilo, concepções de literatura, forma, nada disso pode mais ser muro erguido entre aqueles que encontram na poesia um meio de expressão negra. Aqui se trata da legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha do nosso tempo. (CADERNOS NEGROS, Nº1)

Verifiquemos agora a materialização destes dizeres em dois poemas dos escritores afro-brasileiros, Cuti e Conceição Evaristo os quais em seus “quilombos-escritura” fomentam esta nova poética.

Ferro

Primeiro o ferro marca
A violência nas costas
Depois o ferro alisa os
cabelos
Na verdade o que se
precisa
É jogar o ferro fora
É quebrar todos os elos
Dessa corrente
De desespero
(Cuti in Batuque de
Tocaia, 1982)

Neste poema a identidade negra é colocada em evidência. Utilizando-se do signo ferro, o poeta explora os seus significados em momentos diferentes na trajetória do negro. Antes o ferro do branco marcava o domínio pela força, agora o mesmo ferro é usado para marcar um domínio estético exigido por uma sociedade pautada em parâmetros brancos. A proposta do poeta é que todos se livrem dos ferros e das correntes que os sufocam e os deixam sob uma condição de subserviência aos padrões que são exigidos.

O poema *Vozes Mulheres*, de Conceição Evaristo, o eu-poético faz uma genealogia trazendo à tona toda uma linhagem familiar negra que sempre se configurou aos olhos da sociedade brasileira como inexistente devido ao episódio da escravidão:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de
tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas
alheias
debaixo de trouxas
roupagens sujas de
brancos
pelo caminho empoeirado

rumo à favela.

A minha voz inda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas
vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas
gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o
agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a
ressonância
o eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo in
Cadernos Negros, p.32)

Conceição Evaristo acaba resgatando desde sua bisavó toda uma ancestralidade que se manteve ausente entre os afro-descendentes. Na tentativa de apagar qualquer herança africana durante a escravidão, desumanizaram e sustentaram a idéia de que naquela condição – a de objeto - o negro não pertencia a nenhum lugar, somente ao seu dono e senhor. Na voz do eu-lírico pode-se constatar que além de buscar e confirmar no tempo e no espaço a presença de sua família, denuncia na voz destas mulheres as duras condições em que viveram seus antepassados. Zilá Bernd em Introdução a Literatura Negra define a poética afro-brasileira:

Consiste em inscrever, nas malhas do tecido poético, o processo de transformação ideológica de sua consciência individual que atinge sua autonomia ao libertar-se do poder do discurso mistificador da dominação. Tal autonomia, entretanto, só se completará quando a poesia chegar a pensar verdadeiramente o mundo como aceitação da diferença e quando se extinguir, em definitivo, o atual processo de representação mútua, onde um é sempre o bárbaro do outro.

Em diálogo com a epígrafe da poetisa Lia Vieira e Zilá Bernd, a poética afro-brasileira acontece não apenas para seguir um padrão estético e literário, mas fazer de uma ideologia arte e desta arte instrumento de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira: Poesias Reunidas*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Instituto Nacional do Livro, 1970.

BERN, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirs. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault, *Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O que é um autor?* 3. ed. Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. São Paulo: Vega, 1997.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MUSSA, Alberto Baeta. *Estereótipos do negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes, nº16, p.70-87, 1989.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

VÁRIOS AUTORES. *Cadernos Negros 01*. São Paulo. Quilombhoje, 1978.

_____. *Cadernos Negros 15*. São Paulo: Quilombhoje, 1992.

_____. *Cadernos Negros 28*. São Paulo: Quilombhoje, 2005.